

DIXSAUT, Monique, *Platão e a questão da alma*. Trad. Cristina de Souza Agostini. Ed. Paulus, São Paulo, 2017, col. Philosophica, 430p.

Para a reflexão acerca do que Monique Dixsaut considera a questão mais complexa presente nos diálogos platônicos (Cf., p. 10), a autora apresenta em sua obra *Platão e a questão da alma* um conjunto de escritos que harmonicamente gravitam em torno de duas principais problemáticas: 1) a abordagem das “ações e paixões da alma”, e 2) a questão da “escolha”. Além de revelar-se um valioso estudo a ser aproveitado pelos investigadores de Filosofia Antiga, reforça a convicção de que os grandes temas da filosofia sempre têm vários ângulos interpretativos.

Ao longo dos doze capítulos, M. Dixsaut deixa transparecer a seriedade com que trata os diálogos platônicos, como sabem muitos leitores brasileiros de suas obras. Os dois grandes núcleos que subdividem os doze capítulos, isto é, a alma relacionada às “ações e paixões” – na primeira parte – e a sua ligação com a “escolha” – na segunda parte – são enquadrados no interior de um prólogo e de um epílogo que facilitam a leitura. No prólogo, tomando a corporeidade sob o duplo aspecto signo-sepulcro, a autora reforça que, na visão platônica, o corpo está longe de ser interpretado como algo intrinsecamente mau (cf. p. 28) e que ele pode ser visto tanto como “signo, na medida em que o corpo oferece à alma sua docilidade expressiva” (p. 38), quanto como “sepulcro, se a união é interiorizada pela alma a ponto que esta perca toda a lembrança e toda

a consciência de sua diferença” (p. 38). Já no igualmente significativo epílogo, ao tratar da temática da morte para a alma, ressalta que “a maneira como uma alma define a morte determina sua representação da natureza da alma, que determina, em contrapartida, a natureza própria dessa alma” (p. 400). E ainda: “a questão de sua imortalidade é sempre, em Platão, pré-requisito àquela de sua natureza” (p. 400).

Dixsaut afirma, em seus prefácios à edição francesa e brasileira (ambos presentes nessa edição da ed. Paulus), que a natureza da alma é revelada a partir de sua diversidade de potências e que, portanto, a *phusis* de uma alma se identificaria com a sua *dunamis*, uma vez que o elemento da dinamicidade lhe é absolutamente indispensável (cf. p. 16). Ademais, a questão da “escolha” não somente tem sua relevância para a temática da alma como também “não se limita à escolha de um gênero de vida” (p. 10), ensejando que “não é a liberdade de escolha que é para Platão um problema, mas sua inteligibilidade” (p. 11).

Assim, inicia-se a primeira grande da obra, detendo-se nas ações e paixões da alma, e ao longo do primeiro capítulo, buscando tratar justamente da natureza e do papel da alma na sensação, considera que “o que sente é o ser vivo inteiro [...] mas o ser vivo é vivente enquanto seu corpo está misturado de alma” (p. 69-70), isto é, a instância anímica, sendo princípio de vida, é o que faz com

que o corpo seja vivente e sensível. Transitando pelas questões relativas à memória e reminiscência no capítulo dois, ressalta-se que tanto *mnemosyne* (memória) quanto *anamnesis* (reminiscência) são indispensáveis para a compreensão das “duas memórias” platônicas, já que a primeira está ligada à capacidade de conservação do que é percebido e diz respeito à recordação das sensações, enquanto que a outra é associada à lembrança não de caráter sensorial, mas da conservação de conhecimentos, dando à alma uma primeira forma relativa de independência: memória e reminiscência são concernentes às duas faculdades anímicas distintas, cujas funções são, respectivamente, conservação e lembrança.

O capítulo três, por sua vez, versa sobre os prazeres, desejos e vida divina, em que é salientada a distinção entre a vida divina e a humana, e “a vida dos deuses serve de paradigma” (p. 111), e a vida do homem é marcada, necessariamente, pelos estados de satisfação e dor, embora uma vida não sujeita às espécies de prazeres e de dores - ligadas direta ou indiretamente às dissoluções-restaurações - é a mais divina de todas as vidas. Em última instância, a vida do homem “só pode oscilar do lado do animal ou daquele do deus” (p. 128). Dixsaut continua sua exposição fazendo um rico percurso sobre os aspectos da *philia*, no capítulo quatro, a partir de abordagens dos diálogos *Lísis* e *Leis*, finalizando a primeira parte considerando dos tipos de loucura (no capítulo cinco) e a relação entre adivinhação e profecia (no capítulo seis).

Na segunda parte, articulada em seis capítulos que são têm o fio condutor da “escolha”, é analisada a questão da temporalidade, especificamente no sétimo capítulo, que analisa sobretudo o *Timeu*

e o *Parmênides*, além de refletir acerca da “vida boa”, no oitavo capítulo, e sobre a justiça e felicidade no nono capítulo.

Já no décimo capítulo, trata da questão do mal focalizando a afirmação de Platão quanto ao mal não ser mera “ausência de bem, mas seu contrário, seu inimigo” (p. 328). Numa abordagem comparativa, tal como o bem é interpretado a partir da justa medida, do belo e do verdadeiro, também o mal, para Dixsaut, encontrar-se-ia delineado pelas três características que são opostas às do bem, isto é, desproporção, feiura e caráter enganador, desembocando, assim, na noção de que “todos os males têm como causa uma espécie de *pleonexia* e, por consequência, são todos espécies de injustiça” (p. 324).

A temática da verdadeira política conforme a natureza é tratada no décimo primeiro capítulo no qual delineiam os limites e possibilidade da ação política, bem como é explicitado o modo próprio de agir.

Por fim, o décimo segundo capítulo trata do câmbio entre mito e interpretação e expõe as ligações entre *logos*, *muthos* e verdade, quando a autora não se coloca em posição simplista que postule o *muthos* como oposto ao *logos*, tal como o falso ao verdadeiro, uma vez que a diferença entre ambos consiste no fato de que “o mito utiliza e suscita imagens sensíveis adaptadas ao domínio da representação, enquanto o *logos* só se move através de conceitos” (p. 373).

O acesso a tal obra, extensa e cuidadosa, é um ganho para os pesquisadores brasileiros da reflexão platônica.

Willian Maia Gomes Leite
Faculdade de Filosofia São Bento
willmaia98@gmail.com